

Ano 6, Vol XI, Número 2, Jul- Dez, 2013, Pág. 199-218.

A DIFICULDADE DE ESTABELEECER VÍNCULO PSICANALÍTICO: O CASO DE JOÃO E MARIA

Kátia Barbosa Macêdo

Resumo

O artigo apresenta o relato de um caso que mostra a repetição de conteúdos relacionados ao desamparo como fator dificultador para a formação de um vínculo entre paciente e analista. Seu caráter original é o fato de apresentar de forma aberta anotações dos movimentos contratransferenciais vivenciados pela analista, além do fato dela ter se utilizado da metáfora do conto João e Maria para a apresentação do material clínico, seguido de uma discussão e conclusão.

Palavras-chave: psicanálise; repetição; desamparo; transferência; contratransferência.

THE DIFFICULTY TO STABLISH PSYCHOANALYTICAL LINK: JOÃO AND MARIA'S CASE ABSTRACT

This article presents a case that shows the repetition of content related to helplessness as a complicating factor for the formation of the psychoanalytic link to patient-analyst. Its unique character is the fact that it openly presents the counter- transferential movements experienced by the analyst, and the fact that she had used the metaphor of the tale Hansel and Gretel for the presentation of clinical material, followed by a discussion and conclusion.

Keywords: Psychoanalysis; repetition; helplessness; transference; countertransfer ence.

O vínculo analítico, a transferência-contratransferência e suas dificuldades

O que são as transferências? São reedições, reproduções das moções e fantasias que, durante o avanço da análise, soem despertar-se e tornarem-se conscientes, mas com a característica de substituir uma pessoa anterior pela pessoa do médico. Dito de outra maneira: toda uma série de experiências psíquicas prévia é revivida, não como algo passado, mas como um vínculo atual com a pessoa do médico (FREUD, 1905, p.110).

O campo analítico, expressão difundida pelo casal Baranger (1961-1962) indica o fato de que existe entre o analisando e o analista de forma permanente, de forma manifesta ou latente, uma corrente transferencial - contra transferencial, de influências e efeitos recíprocos, e que sofre

sucessivas transformações, constituindo um campo onde circulam necessidades, desejos, angústias, defesas, relações objetais, etc. (Zimmermann, 1999).

Historicamente, os termos transferência e contratransferência foram abordados na obra de Freud em vários momentos, com diferentes concepções e ênfases. Segue abaixo um quadro que apresenta e comenta o uso destes termos por Freud.

Figura 1- As obras onde Freud utilizou os termos transferência e contratransferência.

Obra e data	Concepções sobre transferência e contratransferência
Estudos sobre a histeria (1895)	Transferência no sentido de uma forma de resistência, isto é, como um obstáculo à análise.
Dora (1905)	No pós-escrito, repete o termo transferência, tendo esta sido conceituada como novas edições revistas de impulsos e fantasias, passando a ser considerada inevitável necessidade.
O homem dos ratos (1909)	Primeira referência à transferência como agente terapêutico.
Cinco lições de psicanálise (1910)	Analogia com a química. Afirmou que só utilizando a transferência os sintomas poderiam se dissolver.
As perspectivas futuras da terapia psicanalítica (1910)	Contratransferência vista como forma de alertar os analistas sobre o perigo da participação emocional e envolvimento erotizado com pacientes.
Conselhos aos jovens médicos sobre tratamento psicanalítico (1912)	Freud alerta que o psicanalista, tal qual um espelho, somente deve refletir aquilo que o paciente lhe mostrar. O inconsciente do analista deve se comportar como um receptor telefônico em relação ao inconsciente do paciente.
A dinâmica da transferência (1912)	A transferência opera tal como num campo de batalha em que a vitória, ou seja, a cura da neurose tem que ser conquistada.
Novas recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1914)	Somente a repetição na transferência pode libertar as lembranças reprimidas e assim evitar uma eterna compulsão à repetição. Foi introduzido também o conceito de neurose de transferência.
Observações sobre o amor de transferência (1915)	Freud classifica as transferências em positivas (amorosas) e negativas (sexuais), essas últimas ligadas à resistência.
Conferências introdutórias sobre psicanálise (1916-1917)	Distingue neuroses transferenciais e narcísicas (psicoses), e afirma que as psicoses não poderiam ser tratadas psicanaliticamente por não haver libido disponível para a formação da transferência.
Além do princípio do prazer (1921)	Freud afirma que há a pulsão de morte e inclui o fenômeno da transferência como um exemplo de compulsão a uma repetição penosa infantil. Ligou a transferência ao complexo de Édipo e concluiu que a neurose original era substituída, na análise, pela neurose de transferência.
O Ego e o Id (1923) Dois verbetes de enciclopédia (1923)	Ampliou a importância do conceito de transferência, de forma a abarcar a repetição das lembranças e pulsões reprimidas, além de figuras superegóticas e dos

	mecanismos de defesa.
Esboço de psicanálise (1940)	A transferência como o mais poderoso instrumento da psicanálise.

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Zimmermann (1999) e Roudinesco e Plon (2001).

Assim, percebe-se que com a evolução da compreensão da transferência na psicanálise, Freud (1940, pag. 204) comenta que “é tarefa do analista tirar constantemente o paciente da ilusão que o ameaça e mostrar-lhe sempre que o que ele toma por uma vida nova e real é um reflexo do passado. Um manejo cuidadoso da transferência, de acordo com essa orientação é, via de regra, extremamente compensador. Se conseguirmos, como geralmente acontece, esclarecer o paciente quanto à verdadeira natureza dos fenômenos de transferência, teremos tirado uma arma poderosa da mão de sua resistência e convertido perigos em lucros, pois um paciente nunca se esquece novamente do que experimentou sob a forma de transferência; ela tem uma força de convicção maior do que qualquer coisa que possa adquirir por outros modos.”

Winnicott (1967) também ampliou a compreensão do fenômeno transferencial. Para ele, a transferência era muito mais do que uma repetição de impulsos e defesas, mas a possibilidade de que o paciente vivenciasse em sua relação com o analista uma continência para repetir e elaborar aspectos emocionais primitivos que não puderam ser elaborados ou pensados. Para isso, o analista deveria desempenhar uma função de *holding*, significando sua capacidade de aceitar os ataques destrutivos do paciente.

A constante interação entre analista e paciente implica um processo de uma recíproca introjeção, das identificações projetivas do outro. Quando isso ocorre mais especificamente na pessoa do analista, pode mobilizar nele, durante a sessão, uma resposta emocional. Não raramente essa resposta emocional pode prolongar-se no analista para fora da sessão, pelos sonhos, *actings*, identificações ou somatizações que traduzem a permanência de resíduos contratransferenciais. O caso que passo a relatar a seguir foi escolhido especificamente pelo fato de ter gerado anotações sobre os movimentos transferenciais-contratransferências, o que claramente ilustrará o tema que estamos tratando.

O caso de Maria

A análise é a possibilidade de o paciente construir um vínculo com o analista, vínculo que poderá auxiliar o paciente a entrar em contato, reviver e ressignificar seus traumas. Apresentarei o caso de Maria, uma paciente que tinha 32 anos quando iniciou sua análise comigo. Ela apresentava uma estrutura de personalidade *borderline*, com histórico de tentativa de suicídio. Era a filha mais velha de uma mãe solteira, e tinha um irmão mais novo. Era casada e tinha um filho com seis anos.

Na minha experiência com a Maria, me vi acompanhando a (im) possibilidade ou grande dificuldade de contato na relação com o outro. Desse modo, experimentamos o drama de um trauma, que acredito ter se iniciado em suas relações primitivas. Nossa proposta de análise inseria a demanda da construção de um vínculo, onde a tentativa de um movimento de intimidade se impunha. Encontrei em Maria uma mente machucada e ameaçada profundamente em sua história afetiva. Essa condição de dor me remeteu à Mahler (1986), quando afirma que ocorrem dois estágios no do narcisismo primário. Durante as primeiras semanas de vida extrauterina, prevalece um estágio de narcisismo primário absoluto, marcado pela falta de consciência do agente materno. É esse o estágio que ela denomina de autismo normal. O estágio seguinte caracteriza-se pela consciência turva de que a satisfação de necessidade não provém da própria pessoa, mas de algum lugar externo ao eu: o estágio de onipotência alucinatória absoluta ou incondicional.

Os movimentos de Maria de desinvestimento e de retorno a si mesma me faziam senti-la utilizando-se, como defesa prevalente, da permanência desse autismo primário, como uma fixação tão forte neste estágio a ponto de se constituir como base para a estruturação de sua dinâmica patológica. Maria era assim. Acredito que se sentia impedida de alcançar o próximo estágio, o que determinou seu permanente sentimento de impotência e de vazio.

Mahler (1986) acredita que a fase seguinte do desenvolvimento é a simbiose, e tem como característica essencial à fusão somatopsíquica onipotente alucinatória ou delirante, com a representação da mãe e o delírio de uma fronteira comum entre dois indivíduos psicologicamente separados. Nessa fase, a criança começa a perceber que a satisfação de suas necessidades vem

de um objeto parcial que é externo a ela, que teria como função satisfazê-la, e se volta libidinalmente em direção àquela agência ou fonte de cuidados maternos. Esse deslocamento da catexia é um pré-requisito essencial para a formação do ego corporal. Para ela, o autismo e a simbiose normais são pré-requisitos para o estabelecimento do processo normal de separação-individuação.

Predominantemente, o funcionamento psíquico de Maria revelava a dinâmica autística dessa primeira etapa descrita por Mahler (1986), fazendo-me experimentar na contratransferência toda sua angústia de exclusão e desamparo, características desse funcionamento.

A experiência emocional despertada por Maria me remeteu ao Winnicott, quando ressalta a importância de um ambiente suficientemente bom para garantir que o desenvolvimento emocional do bebê ocorra de modo satisfatório. Para ele, para que se crie esse ambiente, a vivência do encontro da mãe com o bebê seria, a meu ver, muito diferente daquela que Maria repetia em sua relação comigo.

Maria chegou à análise revelando uma história de falência em seu desenvolvimento primitivo, quando apresentava uma enorme dificuldade em estabelecer vínculos. Comunicava-se comigo por meio do relato de sonhos, atuações e somatizações como forma de demonstrar a sua angústia de aniquilamento diante da nossa proposta de aproximação. Logo no primeiro momento, Maria nomeia sua solidão, dizendo: *“Sempre fui sozinha, caladinha, fazia tudo sozinha...”* Uma solidão imposta pela impossibilidade de encontrar em seu meio a presença de uma mãe suficientemente boa, como referida por Winnicott.

É tarefa da mãe, proteger o seu bebê de complicações que ele ainda não pode entender, dando-lhe continuamente aquele pedacinho simplificado do mundo que ele, através dela, passa a conhecer. Somente com base numa fundação desse tipo pode desenvolver-se a percepção objetiva ou a atitude científica. Toda falha relacionada à objetividade, em qualquer época, refere-se à falha nesse estágio do desenvolvimento emocional primitivo (WINNICOTT, 2000, p. 227-8).

A dificuldade logo de início se estabeleceu quando Maria me fazia experimentar, em função de sua enorme angústia, uma impotência que me angustiava enquanto analista. Sentia-me perdida e impossibilitada de cumprir a tarefa de proteger esse bebê das complicações que ele nos impunha. Via-me ocupando o lugar dessa mãe que não foi suficiente boa, e o meu desafio seria então, através do processo analítico, aproximar-me do que Masud Kahn sugere como tarefa terapêutica:

A tarefa terapêutica que herdamos de Freud, a qual consiste em criar um ambiente onde o outro, a partir de sua carência e de sua incapacidade, poderia crescer e aprender a testar e a experimentar tudo aquilo que até então era uma tentativa de autocura emudecida, ferida e vingativa, a fim de transcendê-la em direção à verdadeira capacidade de confiar nos outros e de personalizar a si mesmo, sem mais sentir-se ameaçado nem pela aniquilação nem por aquela submissão conivente representada pela definitiva dissociação do verdadeiro eu” (KAHN, 2000, p.36).

A paciente chegou e logo de início me fez experimentar o que lhe é próprio, uma sensação de exclusão e de indefinição, através de uma grande dúvida em relação a seu retorno na próxima sessão. Contou-me que foi criada longe da mãe, porque esta morava em outra cidade para trabalhar.

Ao falar dos motivos que a levaram a procurar a análise, comentou que já tinha tido uma experiência anterior com outra analista. Contou que interrompeu por causa ‘do dinheiro’ e também porque a analista anterior começou a atender simultaneamente ela e também sua mãe. Ouvi esse comentário como um pedido para que eu fosse cuidadosa e ética com ela. Esse fato despertou-me interesse e receio. Ao mesmo tempo em que ela queria ser cuidada, temia uma relação de intimidade que pudesse se traduzir em traição e desesperança, repetindo a construção de um ambiente interno de desinvestimento.

O conto de João e Maria: metáfora para nosso percurso

Os contos de fadas expressam angústias que são vivenciadas pelas crianças, motivo pelo qual tais contos são repassados, repetidos e recontados gerações após gerações, pois possuem a função de indicar, utilizando uma linguagem simbólica, possibilidades de superação,

transformação e desenvolvimento. Apesar de muitas vezes o conto de João e Maria evocar o medo do desamparo, a angústia de aniquilamento, também evoca a situação de desmame, fundamental para o processo de separação-indivuação e do desenvolvimento criativo.

A história de João e Maria corporifica as angústias e tarefas de aprendizagem da criança pequena, que precisa dominar e sublimar seus primitivos desejos incorporativos, e, por conseguinte, destrutivos. A criança precisa aprender que, caso não se liberte deles, seus pais ou a sociedade a forçará a fazê-lo contra sua vontade, assim como sua mãe anteriormente deixara de amamentá-la ao sentir que era chegado o momento de fazê-lo (BETTELHEIM, 2007, p. 224-225).

Corso (2006) também chama a atenção para o fato de os pais estarem tão empenhados em livrar-se dos filhos e da tarefa de alimentá-los. Na história, as crianças ficam a maior parte do tempo, relacionadas ao tema do abandono, central na dinâmica psíquica de Maria. Esse foi o principal motivo que me levou a buscar no conto de João e Maria uma imagem metafórica para descrever sua trajetória psicanalítica comigo.

Maria abandonada e a avó-bruxa na casa velha

No início da análise, a forma predominante da paciente comunicar-me sua dinâmica psíquica era por meio do relato de sonhos. Comunicava-me sua expectativa em relação à análise, e também o medo de repetir comigo a história vivida nas suas relações primitivas. Assim, trazia-me sonhos com conteúdos de muita angústia de aniquilamento, como alguns abaixo relatados. O primeiro sonho me traduz sua experiência emocional em relação ao início da análise, como relata a paciente.

Estava na casa da minha avó, era um restaurante, eu pedi um prato, um peixe com batatas, era caríssimo, R\$ 1.500,00, achei um absurdo, mas mesmo contrariada, peguei o prato e comecei a comer o peixe, que estava cheio de espinhos... É, no sonho, eu lembro que o preço do peixe era muito caro, e mesmo assim eu comi o peixe, contrariada, mas comi.

As condições apresentadas a Maria para que pudéssemos desenvolver o nosso processo de análise, incluindo o custo financeiro eram experimentadas como uma imposição “difícil de engolir”. Sentia como espinhos que se misturavam as suas dores, já vividas em momentos em

que se via submetida a determinadas condições, para que dessa forma fosse cuidada. Maria contou que não mamou no seio de sua mãe, e só sobreviveu porque a ‘avó-bruxa’ lhe deu leite na mamadeira. Sinalizou assim, a vivência de uma falta de vinculação primitiva e simbiótica com mãe, esperada na relação da dupla mãe-bebê. Ainda no início da análise, a ansiedade era tão grande em me comunicar o desespero que sentia, que em nosso quarto encontro ela aprofundou o relato de sua tentativa de suicídio, agora de forma mais detalhada.

No ano passado, quando eu tomei os remédios da minha mãe, eu só querida dormir, sumir... queria dormir, sumir, desaparecer. Fiquei três dias fora do ar, não me lembro de nada, mas dizem que eu ficava gritando para minha mãe que ela devia ter abortado e que reclamava do alcoolismo do meu marido. Então, meu marido me levou num, médico e ligou para a ex-analista e ela mandou ele me dar muita água. “Achei negligência dela, irresponsabilidade, eu podia ter morrido...”

Ao ouvir o relato me lembrou da estória da Bela Adormecida. Ela precisou dormir se desligando do mundo exterior, num movimento narcísico, até estar pronta para ser despertada por alguém que a amasse, oferecendo-lhe um amor verdadeiro capaz de quebrar a maldição que a bruxa tinha imposto a ela.

Senti na sua fala que a grande queixa de Maria, era o pavor de ser abandonada e morrer de fome, ou ainda de ser comida pela bruxa-angústia. Era assim que ela conseguia lidar com sua vida. Ao buscar estudar o assunto, me deparei com um comentário de Winnicott, que me auxiliou a compreender a dinâmica de Maria.

Não há possibilidade alguma de um bebê progredir do princípio de prazer para o princípio de realidade ou no sentido, e para além dela, da identificação primária, a menos que exista uma mãe suficientemente boa. A mãe suficientemente boa é aquela que efetua uma adaptação ativa às necessidades do bebê, uma adaptação que diminui gradativamente, segundo a crescente capacidade deste em aquilatar o fracasso da adaptação e em tolerar os resultados da frustração... Se tudo correr bem, o bebê pode, na realidade, vir a lucrar com a experiência da frustração. Não existe saúde para o ser humano que não tenha sido iniciado suficientemente bem pela mãe (WINNICOTT, 1975, p.25).

As possibilidades de desenvolvimento psíquico em Maria me pareciam limitadas, em função da destrutividade que me era revelada em nossos encontros. No entanto, me senti envolvida e motivada a continuar nosso processo, desde que encontrasse em mim uma continência mínima ao forte desejo de vê-la capaz de administrar sua vida. A ânsia em “resolver” por Maria os impasses que me trazia era intensa. Essas vivências me remeteram a Calich, que afirma que:

Os sentimentos despertados no analista frente à manifestação da parte destrutiva do paciente podem ser de diferentes tipos. Assim, poderemos observar no analista um temor à parte destrutiva do paciente, bem como o despertar de fantasias destrutivas nele próprio. A ação da parte destrutiva pode também mobilizar no analista sentimentos de outra ordem tais como impotência, nulidade, paralisia, desinteresse, rechaço, distanciamento afetivo, etc. (CALICH,1993,p.418).

E é importante ressaltar que com Maria pude experimentar cada uma dessas vivências descritas de forma intensa. Considerando o aspecto contratransferencial, e percebendo-me tão mobilizada, comecei a identificar aspectos meus provocados por essa paciente, que pediam um trabalho mais cuidadoso. Desse modo, a necessidade de supervisões e análise se tornava intensa. Apesar dos medos presentes na relação, a análise prosseguia. Experimentamos o aprofundamento do vínculo tão temido por nós duas.

Penso que a fragilidade do ego de Maria, é decorrente da insuficiência das relações de objeto primitivas. A intensidade de suas pulsões gerou em sua mente a necessidade de desenvolver como defesa um superego imaturo e cruel, gerador de culpa e punição, levando as frequentes ideias de suicídio; somatizações; autodepreciação; além de defesas esquizoparanóides. Eu experimentei a sensação de temor da paciente, diante do medo de se mostrar. Sentia a presença não verbal da pergunta: será que se eu mostrar meus conteúdos violentos você vai aguentar? Vai continuar comigo ou me abandonar, repetindo minha história?

À medida que o processo continuava, sentia-me mergulhada em seus terrores, ao mesmo tempo em que experimentava a importância de estarmos tão fusionadas. Acredito que faltou à Maria viver momentos assim, onde vivesse a experiência de “enlouquecer junto com alguém”.

Winnicott (2000, p.403) comentou que “Se a mãe proporciona uma adaptação suficientemente boa à necessidade do bebê, a linha de vida da criança é perturbada muito pouco por reações à intrusão. A falha materna provoca reações à intrusão e essas reações interrompem o continuar a ser do bebê.”

Assim, quando percebia que Maria repetia essa dinâmica comigo, pensei que talvez isso apontasse para a pulsão de vida presente na repetição, buscando uma resolução para o conflito intrapsíquico, talvez uma oportunidade para que ela pudesse resgatar nesse vínculo comigo aspectos dessa falha em suas relações primitivas.

A dupla João e Maria

No conto, desde o início Maria formava uma dupla com seu irmão João, com quem pôde contar para fazer seus planos de sobrevivência. No início, conforme Corso, João se mostrou mais esperto, utilizando as pedrinhas para marcar o caminho de volta, e depois os pedaços de pão que foram comidos pelos pássaros da floresta. No entanto, à medida que o conto se desenrola, é Maria quem trabalha cozinhando para engordar o irmão como um porquinho para ser devorado pela bruxa, e é ela que planeja empurrar a bruxa no forno e salvá-los, ficando os dois quites um com o outro.

Quando a paciente Maria encontrou seu marido, João Adolfo fantasiou que ele talvez pudesse ocupar o lugar de provedor, da mãe que alimentaria; irmão João que a auxiliaria a sair das situações complicadas, mas à medida que a análise continuava, a situação descortinava uma realidade diferente, pois Maria se sentia dependendo de seu marido, porém impossibilitados os dois de se livrar de situações que os angustiavam. Isso colocava Maria cada vez mais receosa de ser abandonada, e conseqüentemente, destruída.

Da mesma forma, esse cenário se repetia na relação analítica. Porém, sentia que Maria começava a buscar em mim (enquanto sua analista), um vínculo que pudesse oferecer suporte para que ela atravessasse a ‘floresta-vida’ e conseguisse fazer planos para lidar com as situações-bruxa, que lhe ameaçavam diariamente.

João e Maria encontram a casa de doces, mas a dona é uma bruxa

Nas histórias de fadas é muito comum uma temporada na floresta, significando o mundo externo, o fora de casa, que invariavelmente se iniciará como uma expulsão ou com a fuga de uma condenação à morte. Até então, no processo de análise sentia-me expulsa por Maria em função de seu medo, ligado a ameaça de morte diante de situações que a remetiam a separações. Maria se encontrava perdida numa floresta, onde tentava encontrar uma referência interna. A experiência de compaixão revelou-me um encontro apaixonado das nossas mentes, à medida que experimentávamos um medo semelhante.

Voltando ao conto João e Maria, Corso afirma que os personagens reencontram uma representação do corpo da mãe que alimenta na forma da casa comestível, que devoram sem preocupação, como um sedento no deserto se atira nas águas de uma miragem. Bettelheim (2007) comenta sobre essa passagem que os dois utilizam os mecanismos de negação da realidade (devem buscar soluções para seus problemas e alcançar autonomia e criatividade) e da regressão oral. A casa comestível representa uma existência baseada nas mais primitivas satisfações. Para ele,

A casa comestível pode representar um lugar em que habitamos, pode simbolizar o corpo da mãe. Uma casa comestível, que podemos ‘devorar’, é o símbolo da mãe, que efetivamente alimenta a criança a partir de seu corpo. Assim, a casa representa a voracidade oral, e como é atraente ceder a ela... E assim, arrebatados por sua voracidade e enganados pelos prazeres da satisfação oral que parecem negar toda angústia oral prévia, as crianças pensaram estar no céu (BETTELHEIM, 2007, p.225).

Eu e Maria, diferentemente de uma casa de doces, encontramos um espaço claustrofóbico onde a possibilidade de pensarmos o que vivíamos era nosso desafio. A paciente Maria, em quase todos os seus sonhos evocava uma casa antiga, que a alimentava mal ou não a alimentava, e que representava um perigo de destruição, aniquilamento. Contávamos agora com esse sentimento de ligação em meio a todo ódio despertado em Maria diante de uma intimidade.

Os movimentos contratransferenciais eram intensos, e a cada término de sessão era por mim experimentado com um intenso sentimento de impotência. O medo de desamparo de Maria

era tão grande que esse foi o jeito que ela escolheu para viver. Pude sentir nas entranhas o vazio de Maria. Esses movimentos me remeteram a Green (1988), quando afirma que.

A transformação na vida psíquica, no momento do súbito abandono ou privação da mãe quando abruptamente ela ficou desligada de seu bebê, é experimentada pelo filho com uma catástrofe: porque, sem qualquer sinal de alarme, o amor foi perdido de repente. Essa experiência se constitui numa desilusão prematura. O resultado é a constituição de um buraco na textura das relações com a mãe. Repete sentimentos de privação ou abandono da mãe. A mãe continua por perto, contudo, seu coração não está nela. A tentativa fracassa porque o sujeito se mantém vulnerável em um ponto em particular, que é a sua vida de amor (GREEN, 1988, p.159).

No desenvolvimento do processo analítico, sua situação de insatisfação com o seu casamento com João Adolfo ficava mais clara, e isso levou Maria a pedir a dissolução de seu casamento. O processo de separação do marido tinha uma conotação ambivalente de desejo e ameaça. Desejo de libertação e pavor do abandono. Assim, Maria viu reeditada nessa situação uma experiência primitiva que trouxe à tona conteúdos relacionados ao estágio de simbiose, de onde decorre uma forte angústia de aniquilamento.

À medida que o processo de separação do marido avançava, Maria sentia-se cada vez mais fragilizada, e, mesmo com muita dor, reconhecia que não conseguiria viver sem ele. Fica clara sua ambivalência em relação à separação. Desejava a liberdade, mas sentia-se dependente e incapaz, sem recursos diante da angústia de desamparo, decidiu voltar a viver com João Adolfo.

A ambivalência presente no processo de separação vivido por Maria remeteu-me a Meltzer (1991), ao afirmar que quando a dependência dos bons objetos internos é impossibilitada pelos ataques danificadores, ou quando a dependência de um objeto externo bom está indisponível ou não pode ser reconhecida, surge um relacionamento vicioso com a parte má do *self*, através da submissão a tirania. Cria-se uma segurança ilusória da parte destrutiva e perpetuada pela sensação de onipotência, gerada pela perversão. Por outro lado, a parte má, tirânica, viciada, produz um pavor. Meltzer chega então à conclusão de que quando o

pavor de perder uma relação viciada com um tirano é encontrado na estrutura psíquica, o problema do terror será encontrado em seu núcleo, como sendo a força por trás do pavor e da submissão. Ainda afirma que até que uma organização narcísica seja desmantelada e uma rebelião contra a tirania seja organizada, permanece o impossível progredir em direção à posição depressiva.

Passamos a viver então e a perceber a grande intolerância de Maria diante de qualquer separação ou dor depressiva. Na separação de seu marido, ela teve a oportunidade de repetir sua separação primitiva com a mãe, e entrar em contato com o tamanho da angústia que isso suscitava nela. Havia um pavor de perder a proteção ilusória contra o terror, tão presente em seu vínculo com o marido, proteção ilusória que surgiu no início de seu vínculo com ela, na fase de idealização do objeto amado. Como Maria não sentia que tinha recursos internos suficientes para sobreviver a uma separação voltou atrás. Esse fato sinalizou mais uma vez a repetição de conteúdos inconscientes de Maria, solicitando por resoluções e encaminhamentos distintos.

Marucco (2007) afirma que

A repetição se traduz também no social e no cultural, como efeito de um trauma que, ao não encontrar possibilidade de representação e elaboração, reaparece e se atualiza em um retorno ao mesmo, ao idêntico... As repetições marcadas pela pulsão de morte deixam um sulco em certa naturalização como destino... Nos primórdios do nascimento do psíquico, inaugura-se a relação dialética entre a pulsão e o objeto. A repetição traria à luz as marcas dessa relação, com suas transformações, suas obstruções, sua articulação particular com o traumático e com aquilo que está além do trauma: o vazio, a ausência, o nada. Diante da impossibilidade de subjetivação desse trauma, o sujeito parece ficar agarrado ao destino, a esse tempo retido, coagulado na repetição daquelas marcas primeiras do que se poderia chamar de psíquico-pré-psíquico, cristalizado nesse núcleo em que se condensam as configurações específicas da pulsão com as primeiras identificações, e onde se encontram as chaves daquilo que se expressa na clínica (MARUCCO, 2007, p.123).

Entender esse movimento de repetição na situação de Maria com o marido foi fundamental para que eu me sentisse livre e com maiores possibilidades de exercer a função de

continência ao que vivíamos na relação analítica. Ao mesmo tempo em que passei a me sentir mais próxima e disponível para Maria, ela passou a revelar mais resistência, me fazendo esperar, chegando frequentemente atrasada. Iniciou também um movimento de se defender, alegando seu desejo de sair da análise.

A tensão emocional aumentava, e eu me sentia como uma mãe desesperada, desejando uma mudança que lhe tirasse o sofrimento. Então, lhe disse:

A - Sabe Maria, às vezes fico pensando que todo o trabalho que fazemos aqui você pega e transforma em pó, não vale nada, que no fundo a sua vida como está é exatamente como você quer que esteja, e é como se isso garantisse que assim você estivesse pagando um preço justo para não ser abandonada. (morrer sozinha na floresta ou ser comida pela bruxa...).

Ao transcrever essa vinheta onde me vendo tão aprisionada a angústia de Maria associa ao conto de João e Maria, quando João e Maria se viam tendo que pagar um preço alto por ter comido a casa da bruxa. Sentia que muitas vezes a paciente Maria invadia minha casa interna, devorando os meus recursos analíticos. Da mesma forma que a Maria do conto, a paciente experimentava a sensação de ter que se submeter a um processo, não reconhecendo que ali haveria a possibilidade de que pudesse existir de uma forma livre, vivendo dessa forma a ameaça de ser devorada pela bruxa-analista. Por outro lado, em vários momentos pude observar que assim como a Maria do conto, aos poucos a paciente se apropriava de mais autonomia, independência e ficava mais esperta. Ficamos assim muito tempo presas, até que a bruxa criada entre nós duas, pelo medo do desamparo, foi sendo enfrentada. Dessa forma, empurramos juntas a bruxa para um lugar onde pudéssemos nos livrar, pelo menos temporariamente, dessa angústia. Vivíamos assim, momentos onde experimentávamos a prisão, em meio a outros, que pela amorosidade emergente, ofereciam a possibilidade de suportar o medo.

Durante essa fase da análise, eu me sentia mais livre e com maiores condições de suportar o que emergia como repetição em nossa relação transferencial: a bruxa (medo da separação, desamparo, morte). No dia seguinte, Maria chegou desanimada, me comunicou que estava tirando o remédio psiquiátrico, e por isso sentindo muitos sintomas físicos. Falou do desânimo

em relação a tudo: em relação ao curso de pós-graduação, situação de dívidas da empresa. Então eu lhe disse amorosamente que nas coisas e fatos que ela me dizia e contava, eu sentia falta dela mesma, agia o tempo todo desconsiderando a si mesma, aos seus desejos, sentimentos e pensamentos.

A partir dessa sessão, Maria começou a mudar, tendo um movimento em direção à autonomia. Decidiu ir conhecer pessoalmente seu pai biológico. Esse fato gerou como consequência uma fase em que Maria pôde entrar em contato e expressar sua tristeza e luto, e acessar sua condição emocional de órfã de pai (e também de mãe). Mas, tristeza é diferente de depressão, o estado de luto poderia indicar também um movimento depressivo, no sentido Kleiniano de integração, de lidar com a realidade e seus limites inevitáveis...

Apesar de nossos medos, nossos encontros continuavam ocorrendo, e em cada um eu experimentava um ataque à minha capacidade de suportar a experiência emocional provocada pela violência de suas projeções, apesar de 'saber que isso era previsto numa relação analítica'.

Considerações Teóricas

Acredito que Maria não encontrou em sua história primitiva um objeto que tenha suportado tais ataques. Essa falha na experiência necessária ao desenvolvimento psíquico é determinante para que a criança desenvolva o simbolismo. Certa quantidade de ansiedade é a base necessária para que a formação de símbolos e a fantasia ocorram em abundância. É essencial que o ego possua a capacidade adequada de tolerar a ansiedade, a fim de elaborá-la de forma satisfatória. Desse modo, essa fase básica terá uma conclusão favorável e o desenvolvimento do ego será bem-sucedido (KLEIN, 1935).

O fracasso das etapas iniciais determina toda a situação de impasse provocada na relação analítica. Eu me sentia colocada no lugar do objeto atacado e todas as minhas manobras eram evitadas por Maria dentro de seu modelo sádico. A vida de fantasia e de contato com a realidade externa de Maria estava comprometida nessa dinâmica. Buscando compreender melhor esse processo, me reportei a Winnicott, que advertia:

É igualmente inútil e mesmo perigoso analisar os primitivos relacionamentos pré-depressivos e interpretá-los à medida que aparecem na transferência, a não ser que o analista esteja inteiramente preparado para lidar com a posição depressiva. “As defesas contra a depressão e as ideias persecutórias deverão ser interpretadas à medida que o paciente progrida (WINNICOTT, 2000, p.220).

Essa advertência me serviu de base para procurar ser mais continente e suportar melhor os ataques de Maria, pois eram necessários para que ela pudesse projetá-los em mim, e vivenciar a minha não-destruição. A experiência contratransferencial vivida remeteu-me a Meltzer (1991) e Garcia-Roza (2003) quando afirma que os aspectos presentes podem incluir sentimentos de terror, perseguição e pavor. Para ele, o terror é uma ansiedade paranoide que na fantasia inconsciente refere-se a objetos mortos. E, na realidade psíquica, a vitalidade de um objeto que pode ser dele roubada pode também lhe ser devolvida. Essa situação apenas poderá ser alcançada pela capacidade reparadora dos pais internos. Com Maria, a desesperança me inundava a partir do momento em que em sua história, no lugar das imagos esperadas de pai e mãe, Maria me apresentava buracos, como pudemos ver em seus sonhos.

Por outro lado, ainda em Meltzer (1991b, p.241), somente um objeto na realidade externa “que carrega em si a significação transferencial, em níveis infantis, do seio da mãe, pode realizar essa tarefa. No entanto, trata-se sempre de um trabalho frustrante a partir do momento em que os investimentos do analista podem ser, inúmeras vezes, não reconhecidos em função da presença intensa da inveja”, como pode ser observado no material clínico apresentado.

A partir dessas considerações, uma série de reflexões emergem de minha mente na tentativa de encontrar em mim aspectos que poderiam estar sendo de fato utilizados por Maria em sua tirania. Pude perceber o medo por mim experimentado que Maria interrompesse o processo de análise. Indaguei-me que manobras eu também poderia estar fazendo, gerando assim um ambiente controlador semelhante ao descrito anteriormente por Meltzer. Pude perceber a presença em mim de um desejo de que continuássemos juntas. Curiosamente, me senti mais livre e fui construindo um ambiente menos exigente e mais continente as nossas angústias. Naturalmente os avanços alcançados nessa relação envolvem nós duas.

Apenas quando sentiu que havia um vínculo capaz de suportar e ser continente a tantas ameaças e violência, foi possível para Maria começar a, diretamente, falar-me de suas insatisfações com relação a mim e o seu desejo de interromper a análise. Conversamos sobre essa possibilidade e o quanto ela colocava ‘a culpa’ na análise por sua pressa em obter resultados definitivos, e sua (im)possibilidade de crescer. Quanto a mim, o desejo de dar continuidade aos nossos encontros se mantinha, e Maria certamente sentiu o meu desejo, oferecendo, a partir de então, uma dinâmica ao processo de análise onde o trânsito afetivo tornou-se mais intenso entre nós duas. Começamos então, a nomear os afetos experimentados na relação analítica, revelando-me seu desejo, seu medo e sua desesperança de repetir sua história.

Assim, em várias situações, me vi como alvo onde Maria poderia projetar suas imagens internas, de ‘mãe que abandona’, ‘avó-bruxa’, ‘o irmão João com quem podia contar’, ‘João Adolfo, seu marido’ e tantas outras. À medida que era possível que essas projeções ocorressem e que trabalhássemos seus conteúdos, se abria a possibilidade da paciente Maria caminhar rumo ao seu desenvolvimento, e encontrar seus tesouros. Experimentei a vivência de vários papéis para poder acompanhar Maria, como a presença em mim de uma mãe desesperada desejando mudança e contato, tal qual aquela referida por Winnicott, como condição básica para a criação de um ambiente adequado para o desenvolvimento psíquico.

A condição encontrada diante dessa experiência tão difícil me remete ao processo de desilusão presente, vivido por mim de forma dolorosa e ao mesmo tempo necessária escuta analítica. O desafio da superação desse processo, tal qual está no título do presente artigo, refere-se então a desconstrução de uma imagem idealizada da figura do analista.

Maria e eu, como dupla analítica, não conseguimos e talvez não consigamos matar a bruxa (a angústia) até porque ela faz parte de nossa condição humana, do enfrentamento da vida. A nossa história continua. E, em potência pode ser que consigamos encontrar um “tesouro”, mas não necessariamente como o que Maria e João levam de volta para casa (pérolas e pedras preciosas).

Talvez possamos encontrar um “tesouro”, que tenha valores de outra ordem que não a material, um tesouro relacionado ao autoconhecimento que inclui nossos limites e possibilidades. A possibilidade de descobrirmos que somos capazes de enfrentar e, quem sabe, até “vencer” as situações-bruxas que nos aparecem...

Referências

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**; trad. Arlene Caetano. São Paulo: Paz e Terra. , 2007, 21ª. Edição revista.

KLEIN, M. (1935) **Desenvolvimentos da teoria e da técnica**, trad. Belinda Mandelbaum. Rio de Janeiro: Imago editora, 1991.

CALICH, José Carlos; LEVY, Ruggero et. al. Organizações narcisistas: alguns aspectos técnicos, In: **Revista Brasileira de Psicanálise**, vol. XXVII(3),405-422, jul, 1993.

CORSO, Diana Lichtenstein. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FÉDIDA, Pierre **Dos benefícios da Depressão: elogio da psicoterapia**. Trad. Martha Gambini, São Paulo: Escuta,2002.

FREUD, S. (1900) **A interpretação dos sonhos** In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira; com comentários e notas de James Strachey e Alan Tyson; traduzido por Jayme Salomão. 2ª. Edição, Rio de Janeiro: Imago,1986.

_____ (1905) **Fragments da análise de um caso de histeria**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira; com comentários e notas de James Strachey e Alan Tyson; traduzido por Jayme Salomão. 2ª. Edição, Rio de Janeiro: Imago,1986.

_____ (1914) **Recordar, Repetir e elaborar** In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira; com comentários e notas de James Strachey e Alan Tyson; traduzido por Jayme Salomão. 2ª. Edição, Rio de Janeiro: Imago, 1986.

_____ (1920) **Além do Princípio do Prazer** In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira; com comentários e notas de James Strachey e Alan Tyson; traduzido por Jayme Salomão. 2ª. Edição, Rio de Janeiro: Imago, 1986.

_____ (1940) **Esboço de psicanálise**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira; com comentários e notas de James Strachey e Alan Tyson; traduzido por Jayme Salomão. 2ª. Edição, Rio de Janeiro: Imago, 1986.

GARCIA-ROZA **Acaso e Repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões**. 7ª. Edição, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2003.

GREEN, André **Sobre a Loucura Pessoal** Trad. Carlos Pavanelli, Rio de Janeiro: Imago editora, 1988.

_____ **A pulsão de morte**. Trad. Cláudia Berlinerr, São Paulo: Editora Escuta, 1988b.

Kahn, Masud Introdução ao livro **Da Pediatria da Psicanálise**, In: Winnicott, Donald Woods. Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas; Tradução Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2000.

Klein, M. (1935) *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos*. In: *Obras completas*, vol. 1- Amor, culpa e reparação. Ed. Imago, 2001.

MAHLER, Margareth **O nascimento psicológico da criança: simbiose e individuação**. Trad. Jane Russo, 2ª. Edição, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1986.

MARUCCO, Norberto Carlos **Entre a recordação e o destino: a repetição**, in: Revista Brasileira de Psicanálise. Vol. 41(1), 121-136, dez, 2007.

MELTZER, Donald. **Desenvolvimento Clínico de Freud**. São Paulo: Editora Escuta, 1989.

_____ **A Masturbação Anal e sua relação com a Identificação Projetiva**, In: Spilus, Elizabeth Bott (org.) *Melanie Klein: desenvolvimentos da teoria e da técnica*. Trad. Belinda Haber Mandelbaum. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.

_____ **Terror, Perseguição, pavor- Uma dissecação das ansiedades**

paranóides, In: Spillus, Elizabeth Bott (org.) **Melanie Klein: Desenvolvimentos da teoria e da técnica**. Trad. Belinda Haber Mandelbaum. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991b.

ROUDINESCO, E.; PLON, E. **Dicionário de psicanálise**; trad. Vera Ribeiro, Lucy Magalhães, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2001.

WINNICOTT, D. W. **O papel do espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil**. In: *O Brincar e a realidade* Trad. Irineu Ortiz, Porto Alegre, Artmed, 1987.

_____ **Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas**; Tradução Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2000.

_____ **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Trad. Irineu Ortiz, Porto Alegre, Artmed, 2007.

ZIMMERMAN, Davi **Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

Sobre a autora e contato:

Kátia Barbosa Macêdo

Membro do Instituto de Psicanálise Virgínia Leone Bicudo da SPB e Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia. Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, professora titular da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Rua Sevilha, Q184, lotes 17-25, condomínio Sevilha, casa 2, Jardim Europa, Goiânia - GO CEP 74 330 5670; Telefones 062 3532 7002, 06299738495;

katia.macedo@cultura.com.br

Recebido em 05/8/2013. Aceito em 15/11/2013.